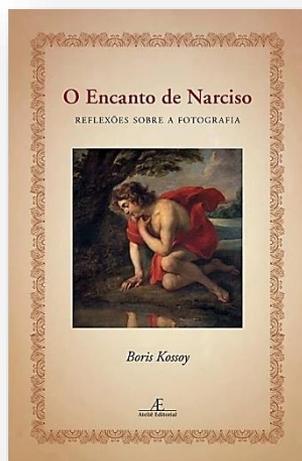


Nem os artefatos são inocentes

Felipe Lopes Fonseca

Faculdade Cásper Líbero | ffonseca.jornalista@gmail.com



KOSSOY, Boris. *O encanto de Narciso: reflexões sobre a fotografia*. Cotia: Ateliê Editorial, 2020. 240 p.

As imagens não são inocentes. As fotografias, pelo menos, nunca mereceram tal absolvição sem uma análise criteriosa e contextual. Essa constatação ganha um corpo mais robusto após a leitura do novo livro de Boris Kossoy – *O encanto de Narciso* –, um resumo

de sua própria obra, ao mesmo tempo em que é uma ampliação dos temas tratados por esse pesquisador brasileiro, referência nos estudos da imagem.

Uma das grandes contribuições de Kossoy para os estudos sobre fotografia no Brasil talvez esteja na identificação de uma espécie de *lead* fotográfico, algo parecido com a técnica de redação jornalística, porque sintetiza as principais dimensões do tema (quem, o quê, quando, onde, como e por quê) e é ponto de partida para quem busca se aprofundar na análise de imagens. Os itens a serem investigados, aqui, são basicamente divididos em dois grandes grupos. No primeiro deles, dentro de uma análise iconográfica, são mobilizados referenciais para criar o que o autor chama de “primeira realidade da fotografia” (p. 127): uma pessoa utiliza uma tecnologia para criar uma imagem de uma pauta (pessoa, tecnologia e assunto). Esses elementos constitutivos estão presentes na base das fotos e se somam a duas coordenadas de situação: o tempo e o espaço onde o registro ocorre, ainda dentro do que seria essa primeira realidade fotográfica.

Justamente por indicar as influências que ficam escondidas sob camadas que um olhar arqueológico precisa descamar, a fotografia traz um caráter documental que pode ser confundido com um espelho do real – algo que Kossoy trata de desmitificar, sem desmerecer a imagem como documento, mas situando sua dimensão documental em uma perspectiva.

A fotografia seria, então, um artefato. Transformada em arte, mais recentemente, foi logo encarada como um registro visual útil às ciências. Não somam nem 200 anos desde a primeira fotografia de que se tem relatos, mas tem sido uma história rica, cheia de dualidades que o próprio Kossoy resgata: o aparente e o oculto, o real e o imaginário, o documento e a representação, o efêmero e o perpétuo, o fragmento e o todo. Não significa que essa história seja necessariamente de rupturas, mas é construída no convívio entre tensões que não chegam a se aniquilar e que apontam para a abrangência da fotografia em termos de usos e significados.

O ato do fotógrafo começa muito antes e vai muito além do clique, já que ele é o autor de uma imagem que se perpetua sem validade pré-determinada. Ele reúne crenças, habilidades, opiniões, e toma muitas decisões dentro de um universo chamado linguagem fotográfica, incluindo ângulo, composição, foco, cor, textura, formato e, claro, presença da luz. O repertório é seu diferencial e se torna sua maior riqueza para construir uma representação de algo ou de alguém.

Essa imagem que resulta de um processo complexo de somas e multiplicações é carregada de códigos que esperam ser decifrados. Nós a consideramos, ela própria, a segunda realidade fotográfica. Dentro de uma análise iconológica, é possível interpretar aquele universo a partir de seus fragmentos, mas nunca fora do seu contexto.

A interpretação iconológica é a segunda etapa de uma desmontagem e inclui atividades como compreender o contexto espacial e temporal, levantar as condições de produção que resultaram na representação, além de resgatar diferentes camadas de significação – incluindo a estética, a ideológica e a cultural. Algo próximo de um inventário e empreendimento que o próprio Kossoy reconhece ser um desafio. Tal atividade pode ser facilmente confundida, inclusive por pessoas com um nível cultural acima da média, como um ato descritivo da imagem. Se assim fosse, a fotografia não teria alcançado uma posição tão complexa, elástica e rica de significados como tem hoje.

Se, por um lado, é possível pensar sobre a essência da fotografia, como o autor apresenta nos primeiros capítulos, também se constata que ela se moldou a diferentes interesses ao longo de sua trajetória até aqui: foi usada por governos ditadores para criar uma ideia mitológica, mas também foi arma de fotógrafos humanistas que denunciaram as misérias humanas ao redor do planeta. Afinal, ela “é sempre uma interpretação” (p. 135), ao mesmo tempo em que documenta.

Em *O encanto de Narciso*, há uma memória de obras, palestras, cursos e congressos em que Boris Kossoy discorreu sobre a fotografia. A importância do diálogo com a História é algo marcante em uma publicação que se propõe a fazer resgates históricos, mas, de forma mais próxima às ciências sociais do que ao ofício *sui generis* dos historiadores – embora seja válido destacar os trabalhos do pesquisador a respeito de Hércules Florence como pioneiro da fotografia.

É destacável o jogo de aparências no qual a fotografia está inserida: de uma escala real tridimensional, nos transformamos em uma segunda realidade dentro de um dispositivo tecnológico (a câmera). O gesto, a pose, o cenário e a expressão se harmonizam e se conflitam dentro do que Kossoy chama de “retângulo eterno” (p. 219). Estaria tudo isso ligado ao ser humano que quer parar o tempo, uma relação que vai além do iconográfico, mas que se tornou parte do nosso ser e do nosso estar no mundo.

Outro resgate merecido feito no livro diz respeito aos fotógrafos anônimos, viajantes e retratistas que percorreram enormes distâncias registrando pessoas também desconhecidas. Eles ajudaram a disseminar a técnica e o gosto pela fotografia, além de permitirem acesso a uma técnica de representação muitas vezes restrita à aristocracia e à burguesia. É esse formato fotográfico – o do retrato – que se desenvolveu por excelência a partir da cumplicidade entre o autor (o fotógrafo) e o objeto da imagem (o anônimo que sorri para as lentes). Este último, vale acrescentar, também toma uma série de decisões sobre onde e quando quer ser eternizado na imagem, e, de certa forma, se torna coautor do retrato. Esquecidos nos álbuns familiares ou orgulhosamente escancarados nas paredes domésticas, os retratos ajudam a contar histórias que fogem dos registros oficiais, mas que fazem parte dela com menção honrosa.

Dentro do que o autor encara como outras dimensões da fotografia, a representação fotográfica entra em um jogo ainda mais complexo nos séculos XX e XXI. *Selfies, hashtags, smartphones e fake news* são parte de uma época em que está mais difícil se definir o que é real. *O Homo eletronicus*, diz o autor, vive em uma era na qual a ficção triunfa. As palavras, mais do que nunca, são casadas forçosamente com imagens, e ambas são apresentadas como documentos inocentes, verdadeiros e isentos de ideologia. Nunca o serão! Mais do que nunca, esses monumentos precisam ser desmontados para serem entendidos.

Felipe Lopes Fonseca

Jornalista e fotógrafo. Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero.